

O colégio do caos

Henrique detestava escolas com um fervor tão visceral que nem os castigos mais rigorosos faziam demover aquela sua obstinação.

Não porque não gostasse de aprender.

Os professores eram entediantes e os recreios curtos demais.

Ele até gostava de números primos, no entanto, os professores pareciam-lhe saídos de uma galeria de horrores, sempre bocejando, o que aumentavam o seu asco.

Por isso, quando seu pai lhe anunciou que iria interná-lo num colégio de auto-gestão avançada, achou que era uma piada.

- Não tem professores? - Perguntou, franzindo a testa, seu tique de marca.

- Exacto. - Respondeu o pai, movido por uma pedagogia visionária, concluindo:

- Cada aluno traça o seu próprio percurso escolar, até se sentir dotado de autoridade de conhecimento e capacidades.

Henrique não entendeu bem, mas resmungou que lhe parecia ótimo, ainda que para si pensasse que seria a rota de um fracasso anunciado.

Seu pai, percebendo as dúvidas do filho, tentou rematar a tal pedagogia:

- Lá, assim dizem, não há regulamentos e a liberdade é absoluta e soberana. A preguiça dará lugar à imaginação e esta é mestra de todas as vontades do aluno.

Henrique voltou a franzir a testa e sorriu, parecendo anuir e aceitar aquele desafio.

No primeiro dia, foi recebido por Matilde, uma rapariga excêntrica e enigmática, que olhou num misto de cumplicidade e curiosidade.

Usava aquela rapariga três pares de óculos que pendiam do pescoço e das orelhas duas enormes argolas.

Distribuía a outros alunos crachás com dizeres “gestor de intervalos”, “moderador de distrações”, “ministro da desordem controlada”.

Henrique recebeu um que dizia “conselheiro de ética” e, juntamente foi-lhe entregue uma caixa com marcadores secos e um tablet bloqueado.

A escola era um enorme edifício. Pelo chão viam-se puffs e nas paredes pendiam enormes posters com frases motivacionais que Henrique lia, sem entender “o sonho é a disciplina” e “a dúvida é o motor da revolução”.

Grupos de alunos, nunca mais que cinco, empenhavam-se em atividades de jardinagem, sem flores nem plantas, de escultura sem moldes, de xadrez humano e de educação musical, sem instrumentos.

Perguntou e alguém lhe respondeu que ali a imaginação é um estado mental superior.

Os dias passavam e Henrique definhava com ausência de estrutura, a utopia começava a revelar o seu lado sombrio e sentiu que o preço da liberdade se tornava num silêncio ensurdecedor.

Não lhe saía da cabeça que naquele espaço reinava o absurdo e que alguém que não conseguia identificar liderava aquilo, assim uma espécie de poetas falidos.

Num dia, quando ia ao depósito de material, buscar papel para imprimir um manifesto que ninguém lhe encomendara, descobriu uma porta semiaberta. Lá dentro, três alunos copiavam exercícios de gramática de um caderno que esconderam à pressa.

Um deles, usando um uniforme, olhou-o furiosamente, como se ele tivesse invadido uma sociedade secreta :

- Não devias estar aqui. somos os “ortográficos” - cochichou, identificando-se como sendo Gustavo e o líder daquele grupo.

- Isso é ilegal. - Respondeu Henrique.

- Nas escolas, sim. Usar vírgulas correctamente é considerado comportamento colonialista.

Mas Henrique foi ali admitido e descobriu a crase, as equações do primeiro grau e o pretérito mais que perfeito, mais parecendo um vilão de “Marvel” do que um qualquer tempo verbal.

- Não se diz “a gente vamos, Henrique”, disse Gustavo. - Isso cria desequilíbrio sintático. Estas descobertas no entanto não lhe preenchiem o imenso vazio e tristeza que lhe enchiam a alma.

E, num dia, ousou perguntar à Matilde:

- A que horas começa a aula de matemática?

- Aulas? Horários? Nós aqui compartilhamos experiências. Ontem, por exemplo, vivenciámos uma sobre geometria emocional.

- E isso tem Pitágoras? - ironizou Henrique.

- Claro que não - respondeu Matilde de novo e já demonstrando alguma irritabilidade.

- Sim, horários. às nove horas aulas, ao meio dia, almoço e às três da tarde o recreio.

- O que me estás a dizer é uma forma de opressão temporal e podes até ser acusado de instaurar aqui uma tirania cronológica. - Respondeu Matilde, sem olhar para ele e digitando furiosamente um teclado sem ecrã.

Toda a comunidade se mostrava de dia para dia mais vaga, silenciosa e estranha, liderada por Matilde.

Até que o inevitável aconteceu.

Foi convocado para uma reunião no ginásio.

A tensão pairava como névoa e as acusações como uma chuva ácida.

Tirano, traidor, sabotador eram as palavras mais gritadas por todos.

E Matilde exibia numa das mãos um papel que dizia ser um manifesto escrito por Henrique que fora descoberto por detrás de um poster em que o denunciavam como portador de ideias subversivas e perigosamente organizadas. Falava naquele manifesto em currículos, disciplinas e exames.

Matilde, que havia sido sua tutora, tornava-se agora a sua algoz mais feroz.

A votação a favor da sua expulsão foi unânime.

Havia, porém, um obstáculo burocrático a dar ao destino de Henrique. O veredicto do julgamento era competência exclusiva do “conselho de ética” e este era composto por Henrique e o seu hamster.

A sessão foi realizada com solenidade.

Henrique leu a sua defesa em frente ao seu hamster Tobias. A decisão veio rápida. Absolvido.

Tobias com voz firme alertou que “a ordem só existe para ser descoberta”.

Ninguém sabia que aquele conselho de ética tinha no regulamento aquele poder absoluto e também ninguém sabia naquele colégio que precisava de renovar o seu alvará.

Pelo que, no dia seguinte, fechou portas.

Cada aluno partiu para os seus destinos, sem currículos e diplomas, mas com uma bagagem de elevada inspiração utópica, que nem a instituição que tutela a educação conseguia classificar.

Henrique voltou à sua antiga escola, franzindo a testa e resmungando, logo que reconheceu a gravata às riscas desenhada a régua e esquadro do seu professor de ciências.

Ao olhar o quadro negro e ali escrita a tabuada suspirou:

- Pelo menos, aqui o caos tem limites.

Quando ia num abafado corredor da escola, já de saída para o recreio grande do fim da tarde, Henrique encontrou Matilde, também ali aluna.

Usava agora um uniforme mas o olhar mantinha-se intrigante.

- Então, voltamos ao lar. - disse ela num tom entre o sarcasmo e a resignação.

Henrique olhou para todos os lados e buscou nos bolsos:

- Se eu tivesse aqui o meu Tobias a coisa seria diferente.

Ela sorriu.

Um olhar cúmplice pairou entre eles.

Afinal nem a utopia e rotina têm todas as respostas, parecia ser o sentido daquele olhar.

E lá foram, rumo ao futuro, à procura de novas perguntas.